



Revista Saúde em Redes (ISSN 2446-4813), v. 8, Supl n. 2 (2022).

RELATO DE EXPERIÊNCIA

DOI: 10.18310/2446-4813.2022v8nsup2p157-170

“Lugar de mulher é onde ela quiser” *: caminhos cartográficos de mulheres na pesquisa em saúde

“A woman's place is where she wants it”*: cartographic paths of women in health research

Quitéria Larissa Teodoro Farias

Enfermeira. Mestra em Saúde da Família; Universidade Federal do Ceará; Escola de Saúde Pública Visconde de Sabóia, Sobral, CE, Brasil;

E-mail: larissa.teodoro1996@gmail.com;

ORCID: 0000-0003-3877-7598

Ana Suelen Pedroza Cavalcante

Enfermeira. Doutoranda em Saúde Coletiva; Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil;

E-mail: suelen.cavalcante@aluno.uece.br;

ORCID: 0000-0002-2220-4333

Vitória Ferreira do Amaral

Enfermeira. Mestranda em Saúde da Família; Universidade Federal do Ceará; Escola de Saúde Pública Visconde de Sabóia, Sobral, CE, Brasil;

E-mail: vyctoriaamaral@gmail.com;

ORCID: 0000-0003-4255-2033

Olga Maria de Alencar

Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva; Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil;

E-mail: olgaalencar17@gmail.com;

ORCID: 0000-0003-2477-7503

Mirna Neyara Alexandre de Sá Barreto Marinho

Enfermeira. Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde; Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil;

E-mail: mirna.neyara@gmail.com;

ORCID: 0000-0002-5853-6532

Maristela Inês Osawa Vasconcelos

Enfermeira. Doutora em Enfermagem; Universidade Federal do Ceará; Docente da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE, Brasil;

E-mail: miosawa@gmail.com;

ORCID: 0000-0002-1937-8850

Maria Rocineide Ferreira da Silva

Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva; Universidade Federal do Ceará; Docente da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil;

E-mail: rocineide.ferreira@uece.br;

ORCID: 0000-0002-6086-6901

Resumo: Apresentamos nosso percurso cartográfico na pesquisa em saúde, no lugar de fala de mulheres de luta que buscam espaço em terreno eminentemente masculino. Nosso objetivo é tecer

reflexões a partir de nossas experiências em territórios da vida na pesquisa em saúde e na análise crítica do mundo. A proposição é escapar dos procedimentos metodológicos tradicionais estabelecidos na ciência positivista. Para tanto, aventuramo-nos no método cartográfico, que busca explorar as multiplicidades que integram nossas caminhadas. O local desse encontro é o semiárido nordestino e a adoção do termo encontro parte da nossa história enquanto mulheres que vivenciam trajetórias acadêmicas de origens diferentes. Nossa experiência nos faz refletir que o acesso à graduação e à pós-graduação é diferente não só quanto ao gênero, mas porque dentro do grupo de mulheres também há uma diferenciação econômica e racial. Apontamos, também, que, mesmo diante das dificuldades, traçamos nosso percurso participando de coletivos que construíram as profissionais que somos hoje. Concluímos que nosso lugar é onde quisermos estar e que vencer esse mundo de opressão só é possível a partir da sororidade, uma vez que integrar o mundo da ciência é também exercer um papel político, ético e social.

Palavras-chave: Ciência; Cartografia; Pesquisa; Feminismo; Coletivo.

Abstract: We present our cartographic tracking in health research, nowhere in the words of fighting women, that bus space on eminently male terrain. Our goal is to reflect reflections from our experiences in the territories of life, health research and critical analysis of the world. The proposition is to escape the traditional methodological procedures established in positivist science. For this, we venture into the cartographic method, which seeks to explore the multiplicities that make up our walks. The place for this meeting is the Northeastern semi-arid, and the adoption of the term meeting, part of our history as women who experience academic trajectories, from different origins. Our experience makes us reflect that access to undergraduate and graduate courses is different not only in terms of gender, but within the group of women there is also an economic and racial differentiation. We also point out that even in the face of difficulties, we trace our participatory path of collectives that they built as professionals that we are today. Conclude that our place is where you want to be and to overcome this world of oppression, based on sorority, since integrating the world of science is also a political, ethical and social role.

Keywords: Science; Cartography; Search; Feminism; Collective.

Introdução

Do caminhar da vida à arte da cartografia, nasce este manuscrito, como forma de homenagear as mulheres que vieram antes de nós e como estímulo às mulheres que nos sucederão. Por Mariele Franco, cientista social, pesquisadora e mestre em administração. Pelas Marias, Anas, Joanas e todas aquelas com seus nomes (des)semelhantes e radiantes, que sonham em entrar nas universidades em busca não apenas de reconhecimento intelectual, mas de transformação social dos microespaços nos quais vivemos.

Por todas as mulheres que acreditam na ciência como um instrumento de transformação social. Ciência essa que sempre foi considerada como uma atividade predominantemente masculina e que vem tentando ser desconstruída desde a metade do século XX, por meio de lutas travadas pelo

movimento feminista, na busca incansável pela visibilidade da mulher em todos os espaços acadêmicos, profissionais, sociais e políticos¹⁻³.

Como forma de “dar língua para os afetos que pedem passagem (...) mergulhadas nas intensidades”⁴, este manuscrito busca compartilhar nossos caminhos percorridos na produção do conhecimento em saúde, na perspectiva de gênero, constituído em nossas relações sociais, e de nossa análise crítica. Objetiva, também, ser um instrumento de liberdade de expressão, materializado em um ato político^{5,6} de reconhecimento a tantas mulheres e suas andanças pelos espaços acadêmicos.

Assim, este manuscrito é a prova e materialização da força expressiva que nós mulheres temos e nasce com a obstinação que poderá contribuir com a formação crítica de outras jovens cientistas que enveredam pelo campo da pesquisa. Apesar de nós, mulheres, estarmos conseguindo assegurar o acesso à educação, até mesmo com o maior nível de escolarização que os homens, ainda assim, no mercado de trabalho, são as mulheres que recebem as menores remunerações^{7,8}.

Logo, apoiadas na cartografia sentimental de Rolnik⁴, pedimos licença às leitoras e leitores para a utilização de uma linguagem que é pouco comum em artigos da área da saúde, mas que tentará expor nossos sentimentos por meio de uma análise crítica sobre nossas experiências acadêmicas e leituras. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é tecer reflexões a partir de nossas experiências em territórios de vida, na pesquisa em saúde e na análise crítica do mundo em que vivemos.

Dos caminhos que escolhemos cartografar

Restaria saber quais são os procedimentos do cartógrafo. Ora, estes tampouco importam, pois ele sabe que deve “inventá-los” em função daquilo que pede o contexto em que se encontra. Por isso ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado. O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade, que ele se propõe fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho⁴.

Reconhecendo a cartografia⁴ como o referencial que nos permitiu explorar as multiplicidades que integram as nossas caminhadas, utilizaremos de toda nossa sensibilidade para compartilhar o que nos passa e o que nos afeta, assim como nossos diálogos críticos, enquanto “territórios de passagem”⁸ femininos que representam e refletem a vida de tantas outras, num território dinâmico, vivo em ato, que lutam cotidianamente para a ruptura dos paradigmas machistas que permeiam a nossa sociedade, que batalham em busca da realização de sonhos, de conhecimentos e enfrentam os mais diversos obstáculos para conseguir percorrer as longas trajetórias acadêmicas.

O local desse encontro cartográfico é o estado do Ceará, semiárido nordestino, e a adoção do termo “encontro” parte da nossa história como mulheres que vivenciam trajetórias acadêmicas, de origens diferentes, mas que, em um dado momento, encontram-se compartilhando ideais e objetivos de lutas, desejantes e traçadoras de tantos territórios enquanto mulheres e pesquisadoras.

Assim, considerando as diferentes histórias e percursos ao decorrer dessa caminhada, nossa cartografia está organizada em um eixo analítico de caminhada que percorre encontros que refletem as tessituras e fragmentos das nossas histórias de vida que vão ser contadas neste artigo, e a relação de nossa atuação enquanto mulher nesse campo acadêmico e científico.

Da graduação à pós-graduação: o caminhar que lutamos traçar

Destacamos, em primeiro lugar, que somos privilegiadas por termos alcançado o acesso ao ensino superior, pois nossas vivências se assemelham com a de poucas outras mulheres, uma vez que a maioria de nós somos as maiores provedoras e cuidadoras do lar e estes afazeres domésticos se destacam como o principal motivo pelo qual 11,5% das mulheres brasileiras abandonam os estudos ou sequer conseguem iniciá-los⁹.

No contexto da pandemia da Covid-19, as atividades do lar se intensificaram com o isolamento social e o home office, o papel de cuidadora se potencializou, cerca de 50% das mulheres brasileiras passaram a ser responsáveis pelo cuidado de alguém durante a pandemia, de modo principal as mulheres negras¹⁰. Neste mesmo período, editores identificaram um diminuto número de envio de manuscritos por mulheres às revistas em relação ao sexo masculino e de modo subsequente de publicação¹¹. As desigualdades pré-existentes antes da pandemia se intensificaram com o contexto de isolamento^{11,12}.

Por isso, alertamos que a caminhada do acesso ao ensino superior não é garantia de igualdade. Antes fosse! Visto que mulheres com o mesmo nível de ensino ou maior que o de homens, e em pleno exercício profissional, recebem remunerações diferenciadas. De modo mais preciso, mulheres com ensino superior completo ou com maior nível de estudo recebem 36,6% a menos que os homens⁹. Existem lacunas sociais criadas entres homens e mulheres que precisam ser debatidas para poderem ser desconstruídas, de maneira que urge a necessidade de que essas discussões sobre igualdade de gênero possam permear todos os espaços. Temos que ter força e voz para lutar pelos nossos direitos.

Até o momento de nossa caminhada não vivenciamos a situação de receber remuneração menor que os homens, porém, afetamo-nos e sensibilizamo-nos com essa questão, por compreendermos que se trata de um problema relevante que distancia as mulheres de obterem os mesmos direitos e reconhecimentos que os homens. Então, enquanto houver uma mulher sendo injustiçada, permaneceremos na luta pelas vidas femininas pulsantes em territórios tão singulares.

Dentre tantos desafios, ficamos a refletir: fazer ciência é coisa de mulher? A impressão que temos é que o “sistema” está a todo momento querendo nos lembrar que não. São casos de assédio, falta de apoio à mulher que é mãe e trabalha, esgotamento mental de quem é constantemente desacreditada, o que faz com que as mulheres desistam de ocupar um lugar na ciência e em muitos outros espaços.

Angela Saini¹³ em suas reflexões aponta que as mulheres são sub-representadas na ciência moderna, pois, na maior parte da história da ciência, as mulheres foram tratadas e consideradas seres inferiores, sendo assim excluídas do campo científico-intelectual. A ciência nos deve explicações, pelas profundas injustiças causadas no passado. A ciência precisa esclarecer os motivos pelos quais ainda existem parcialidades, estereótipos de gêneros e mitos que oprimem as mulheres.

Ainda há um discurso fortalecido de que o “modelo ideal de carreira” é um modelo masculinizado que envolve a dedicação exclusiva ao trabalho¹⁴. Logo, ao iniciar nossa jornada, era comum ouvir que optar por esse caminho faria com que nossas vidas estivessem pautadas unicamente nesse propósito, inviabilizando contato com família e amigos. Aos poucos, fomos compreendendo que as dificuldades existiam, inclusive, no sentido de determinados momentos necessitarmos fazer escolhas por vezes difíceis e decisivas, mas com consciência de nosso potencial e desejo de melhorar a vida das pessoas com nossas pesquisas, porém, a sociedade patriarcal ainda presente traz essas questões como uma forma de nos afastar de nossos sonhos e objetivos.

E por qual motivo algumas pessoas ainda dizem que não nos interessamos? O machismo estrutural ainda impera. O problema do “sistema” é cultural. Permanece a ideologia machista de que a ciência não é assunto de mulher. Mas nós ousamos traçar o caminho que queremos e temos direito, o de um aperfeiçoamento constante¹⁵, um devir traçador de trilhas com linhas de força capazes.

Somada às questões de gêneros, permeia a problemática racial que corrobora para que as mulheres negras sejam mais propensas a sofrer assédio racial verbal, sexual verbal, por estarem distantes do modelo de cisgeneridade branco patriarcal, a interseccionalidade, o que torna muitas mulheres negras ainda mais inseguras, excluídas de suas identidades e subjetividades¹⁶. Assim, a

reafirmação desse discurso vai subjetivando e modelando em corpos a crença da incapacidade para assumir determinados lugares, descortinando nosso assujeitamento ao sistema molarizado, endurecido e pouco permeável à criação. É preciso força, sororidade, por todas as mulheres.

Querem nos dizer qual o nosso lugar, o que devemos fazer, porém não de maneira tão explícita como ocorria em outras eras. O importante é que a mulher compreenda que a opção pela vida acadêmica pode levar a perdas, mas outros ganhos virão, como o conhecimento, a produção de afetos com as novas relações, a formação de outras pessoas, enfim. E que isso não as impedirá de conciliar estudo, trabalho e constituição de uma família, se assim for o seu desejo.

A binarização de gênero numa sociedade de controle, além de excludente é despotencializadora da vida e perpassa todas as categorias de relações sociais, porém o acesso à educação e o ingresso no ensino superior possibilita que meninas, jovens, mulheres e idosas possam ter melhores oportunidades de ativar linhas de força para o enfrentamento e mobilização de lutas contra essas desigualdades. A educação nesse mundo de tantas iniquidades é um dos instrumentos com maior capacidade de desestruturar a perpetuação da pobreza. Parafraseando Malala Yousafzai¹⁷: “Vamos pegar nossos livros e nossas canetas. São nossas armas mais poderosas. Uma professora, um livro e uma caneta podem mudar o mundo”.

Além disso, é preciso dizer que muitos são os desafios que experienciamos, porém, há também êxito nessa jornada, em que podemos destacar inicialmente nosso ingresso na graduação, um difícil processo seletivo conquistado a partir de nosso esforço, o que nos possibilitou este ponto de encontro entre a arte, a ciência e a filosofia, permitindo-nos viver a universidade em seu mais profundo sentido, apreciando esse mundo de dores e delícias ancorado no tripé da formação ensino-pesquisa-extensão¹⁸. Gostaríamos de ecoar aqui os nossos agradecimentos às gestoras e gestores, às trabalhadoras e trabalhadores e à sociedade em geral, que pensaram, apoiaram e fizeram acontecer as políticas governamentais que viabilizem a melhoria do ensino público ainda em nosso ensino médio. E as nossas professoras, aos professores, aos familiares e amigas e amigos que nos apoiaram e nos fizeram acreditar que a educação é capaz de transformar não só nossas vidas, mas a vida daqueles que nos cercam, almejando uma sociedade mais justa e igualitária.

No percorrer desta caminhada de construção e identificação profissional, mesmo com todas as responsabilidades curriculares que o curso exige, conseguimos buscar novos horizontes, constituindo micro revoluções em nossos primeiros passos no mundo da pesquisa, por meio da imersão em grupos de pesquisa e em programas de iniciação científica.

Coletivos predominantemente femininos e coordenados por mulheres inspiraram-nos a buscar nosso espaço na ciência, fortalecendo nossos conhecimentos e instigando inquietações. Mas que de forma paradoxal também reproduz um “modelo masculino” de se fazer e pensar ciência, que valoriza a dedicação em tempo integral e relações academicamente competitivas¹⁴.

Foi por meio dos grupos de pesquisa que começamos a produzir nossos primeiros rascunhos, convivendo com os anseios do universo acadêmico, que, por vezes, em forma de pressão e ansiedade, em detrimento da “produtividade acadêmica”¹⁹, para materializar a “recompensa” ao ter o artigo publicado, quando essa produtividade se torna condição *si ne qua non* para uma carreira científica bem sucedida¹.

Tentar romper com esses paradigmas é um desafio, mas a coletividade enraizada nesses grupos dos quais participamos tem nos oportunizado essa constante desconstrução, seja na produção dos projetos de pesquisa, nas coletas, sistematização e análise dos dados dos estudos, seja no compartilhamento de situações pessoais vivenciadas. Sem dúvidas, potencializa o sentimento de importância de cada uma e cada um que se faz presente nesses espaços e a partir desse encontro de corpos vamos produzindo afetos, ampliando nossa potência desse estar no mundo, desenvolvendo multiplicidades enquanto profissionais, pessoas, viventes no mundo.

O processo de amadurecimento por vezes é doloroso, físico e mental e em nosso percurso vai deixando “marcas”, memórias invisíveis da ordem do não cronológico, mas de um devir em nós²⁰. Dentro dessa caminhada, aprendemos que o afeto é a potência para seguirmos, além da necessidade, obviamente. Mas se nos inspiramos em adentrar nessa área, foi pela constituição de um plano de imanência com agenciamentos dos mais diversos e, sem dúvidas, em meio ao caos, conseguimos afetar e ser afetadas pelas pessoas com quem convivemos e pelas situações que vivenciamos.

Essas situações podem ser exemplificadas quando tememos pelo não cumprimento de prazos de submissão de projetos aos editais, das pesquisas em curso, da possibilidade de não aceitação de nossos manuscritos, desenvolvidos a partir de tanto desprendimento de tempo, dedicação e zelo ou, ainda, que as barreiras encontradas no caminho poderão nos fazer desistir, porém o afeto demonstrado pelo coletivo faz com que nos fortaleçamos em meio a essas dificuldades e medos, reconhecendo também que nossas produções científicas são importantes para a população quando nos indagamos constantemente: para que desenvolvemos pesquisas? A quem estamos servindo? E assim, ressignificamos a todo instante o que é a pesquisa e o que ela representa para nós.

É importante dizer que nessas andanças tivemos o apoio de muitas mulheres e que, ao nos encontrarmos por estes caminhos, fomos nos reconhecendo como importantes na caminhada uma das outras, a partir do apoio e incentivo oferecido. Para tanto, baseamo-nos no princípio da Sororidade, em que a empatia e a ética do feminismo devem se fazer presentes em nossas práticas, em que estendemos o convite para cada vez mais tecermos uma rede de solidariedade entre nós mulheres^{21,22}.

Além dos grupos de pesquisa, destacamos diversas atividades extracurriculares das quais participamos que contribuíram significativamente para a construção dessa história, como o Projeto de Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde; Projetos de Extensão; Movimento estudantil (Centros Acadêmicos e Diretórios Acadêmicos), de maneira que todos eles permitiram fortalecer nosso senso crítico e potencializar nossas competências socioemocionais^{23,24} e cognitivas²⁵ que ampliaram a nossa visão de mundo e, conseqüentemente, o nosso fazer pesquisa.

A participação em eventos acadêmicos também foi importante para ampliarmos nossos conhecimentos e socializarmos nossas experiências. Estes momentos também se consolidaram como oportunidades de conhecermos outras mulheres, nos mais variados níveis acadêmicos, que nos inspirariam no decorrer de nosso processo formativo. Além disso, as leituras e as aulas que nos instigaram a pensar criticamente foram fundamentais para o nosso amadurecimento profissional e humano.

Destarte, destacamos que tivemos o privilégio de ter uma formação alicerçada em um projeto de saúde de caráter universal e democrático tal como é o Sistema Único de Saúde (SUS) que nos sensibilizou a uma participação para além do desenvolvimento de ações e procedimentos de caráter técnico-científico, apontando para um projeto de sociedade ancorado aos princípios do sistema. Assim, essa nossa participação no campo da saúde coletiva nos conferiu a obtenção de uma dimensão ampliada da enfermagem e das demais profissões de saúde também como uma prática social, reforçando o nosso papel político diante das diversas iniquidades existentes²⁶.

É preciso que destaquesmos que para a formação profissional em um plano de imanência a partir da teoria e da prática, por meio de um ensino reflexivo e motivador, estimulada pela interação professor-estudante, nas diferentes situações, ainda existem muitas lacunas a serem (des)territorializadas e, assim, como pesquisadoras, estudamos e levantamos as bandeiras de implementação das políticas nacionais de saúde e de educação, desenvolvidos em ambientes saudáveis e éticos, com abordagens interdisciplinares²⁷, sendo este, para tanto, um dos nossos desafios a serem galgados.

A pós-graduação configurou-se no nosso percurso como um espaço que busca ir além do aprimoramento pessoal, que visa à carreira na docência e na pesquisa, alimentada pela vontade de continuar lutando pela construção de pesquisas que sejam capazes de responder aos problemas sociais que encontramos nos nossos campos de inserção acadêmico e profissional, revigorando nosso sentimento de acreditação na ciência como um dispositivo de transformação social e ativador de vidas.

Ressalta-se que apesar de nós autoras sermos enfermeiras, e esta profissão ser composta por 84,6% de mulheres no Brasil, a enfermagem compõe o ranking internacional de pesquisadores com mais destaque na América Latina^{27,29}. Ainda assim, ser mulher no universo da pós-graduação representa uma busca incessante por espaço de fala, para mostrar a relevância de nossas ideias e percepções, além de contribuir para as discussões que inquietam nossa existência¹⁰. Enquanto que na graduação éramos lembradas de que casamento e filhos poderiam “atrapalhar os estudos”, na pós-graduação o discurso se inverte e casamento e ter filhos é o que mais se espera pelo pensamento estrutural da sociedade, considerando que nossa vida reprodutiva tem “prazo de validade” e o tempo não pode esperar.

Começamos a vivenciar um conflito entre a maternidade, a carreira científica, a atenção e as obrigações com a família, com a residência, com o mestrado, o doutorado, e por vezes, passamos a conviver com a consciência culposa de pensar: ainda há tempo pra mim e pros meus desejos pessoais? As binarizações estão sempre em curso pelas forças em disputa e rupturas que vão acontecendo e nos fazendo seguir outros fluxos, diferentes do planejado para nós, assumindo o que é planejado por nós. Nos vemos então ligadas ao pensamento arraigado da sociedade. E tentamos, a partir de reflexões e diálogos com os nossos pares, não reproduzir esses pensamentos.

Além disso, enquanto pós-graduandas e docentes de universidades cearenses, vemos o quanto é preciso problematizar o pressuposto de neutralidade da ciência em relação às questões de gênero, sendo interseccionalizadas pela etnia, raça, cor, classe, entre outras. Durante toda essa caminhada nos deparamos com situações que revelam o quanto os valores e as características socialmente atribuídas às mulheres são desvalorizados na produção do conhecimento e que essas desigualdades de gênero permanecem imbricadas no campo científico¹.

Isso se expressa nas relações do cotidiano quando questionam nossa competência ou mesmo quando atribuem nossos méritos a alguma parceria com pessoas do sexo masculino. Certa vez, quando uma de nós foi homenageada por seu êxito acadêmico em uma revista local, um colega atribuiu isso ao fato dela estar sempre “acompanhada” de outros colegas do sexo masculino. Não que essa pessoa tenha a intenção consciente de dizer que não era mérito próprio de uma de nós, mas nos faz refletir o

quanto o machismo ainda está arraigado nas mentes das pessoas. Apesar das mulheres terem conquistado novas posições sociais com o decorrer do tempo, elas ainda representam diferentes papéis na sociedade e no imaginário social³⁰.

Muito embora, no nosso caso, muitas das instituições e dos serviços pelos quais passamos durante nossa vida acadêmica tiveram mulheres em cargos de gestão, assim como a maioria das pessoas que lecionaram nossas aulas na graduação e pós-graduação, mostrando que cada vez mais as mulheres estão ocupando os diversos lugares de atuação profissional na área da saúde, porém, infelizmente, isso não tem ocorrido em outras áreas e espaços. Há, ainda, uma sub-representação feminina em várias áreas da ciência, na ocupação de cargos de direção e o recebimento de bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), principalmente na física e em áreas da engenharia, onde as mulheres ainda são consideradas “fora do lugar”¹.

Judith Butler³¹ aponta a importância de refletir que o poder masculino em sociedade é uma autonomia ilusória e, quando retirada essa postura autorreferida, são rompidas as ilusões fundadoras da posição desse sujeito. O relativo poder e autonomia masculina tem ocultações, pois o sujeito masculino vive o conflitante reconhecimento de desejar a plena autonomia. Por isso, esperamos que esse fragmento de nossa caminhada vos inspire, pois nossa luta e resistência são cotidianas e fazem parte das trajetórias de vida de outras mulheres, vivenciadas em todos os espaços onde se encontram³². As nossas bagagens acadêmicas, as nossas convivências com familiares e amigos contribuíram para reconhecer que nossas experiências de vida singulares expressam conhecimentos que fazem parte de nossa essência e de tantas outras mulheres, quase como uma composição melódica ou uma costura de crochê em que somos (trans)formadas e (des)territorializadas constantemente.

Ser forte e, ao mesmo tempo, flexível nessa caminhada nos permitiu conhecer e aprender com a(o) outra(o), passando a ser emblemático e importante para nossas experiências acadêmicas que se expressam em todas as nossas produções. Nesse sentido, gostaríamos de novamente dedicar e compartilhar que essa nossa produção é composta por muitas de nós, mulheres.

O “nós”, além de expressar os laços de pensamento e afeto, representa a coletividade e solidariedade que consideramos importantes dispositivos de agenciamento para formar os diferentes rizomas^{33, 34} que compõem nossas pesquisas.

Considerações (des)territorializantes

Apesar das conquistas e dos diversos espaços que conseguimos ocupar no transcorrer da nossa caminhada, ser mulher é sinônimo de luta diária e ser mulher pesquisadora é desafiar todos os paradigmas e pressupostos no campo acadêmico. Assim, lutamos cotidianamente pelo reconhecimento da importância de nossas reflexões e de nossas produções de vida, acadêmicas e científicas, pois ainda vivemos em uma sociedade patriarcal em que há um sólido machismo velado.

A partir do exposto, reconhecemos que nós todas unidas, a partir do princípio da sororidade, temos o papel político, ético e social de transformação dos nossos microespaços de inserção. Por meio do acesso à educação tivemos oportunidades singulares que foram fundamentais para nos ajudar a conquistar os nossos títulos e os nossos espaços. Neste sentido, parafraseando Gandhi, "sejamos a mudança que queremos ver no mundo"³⁵.

Para nós, relatar nossa experiência, por meio deste artigo, além de ousadia e uma aventura, foi uma forma de mostrar possibilidades de caminhos de ruptura com os modos estabelecidos de se fazer pesquisa, apontando a relevância da mulher na ciência como um pilar basilar nessa construção do conhecimento científico.

Referências

1. Silva FF, Ribeiro PRC. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". Ciênc. educ. (Bauru) [Internet]. 2014 Jan [citado em 20 jan. 2020]; 20(2): 449-466. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=251031473012>
2. Citeli MT. O feminismo mudou a ciência? Cad. Pagu [Internet]. 2002 [citado em 20 jan. 2020]; 17-18, 373-377. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/TzWPrq6xGpgQGjBB5Sm347d/?lang=pt>
3. Barros SCV, Mourão L. Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. Psicol. Estud. [Internet]. 2020 [citado em 22 jan. 2020]; 25, e46325. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/QYy5XZ85FTLFZvcr7znhbpL/?lang=pt>
4. Rolnik S. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina - Editora da UFRGS, 2011.
5. Freire P. 1921 – 1997. Política e educação: ensaios. 5. Ed. São Paulo: Cortez; 2001.
6. Haddad S. Artigo- Política, educação e atualidade do pensamento freiriano. Educ. rev. [Internet]. 2019 [citado em 25 Jan. 2020]; 35:214048. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/RcDjLD7K6pyj5CRH8GmTC3D/?lang=pt>
7. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016/2019. 2020 [citado em 27 jul. 2020]. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf

8. Bondia JL. Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ. [Internet]. 2002 [citado em 30 Jan. 2020]; 19:20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>
9. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Estatísticas de gênero, indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2018. [citado em 27 jul. 2020]. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf
10. Bianconi G, Ferrari M, Leão N, Moreno R, Santos T, Zelic, H. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. São Paulo, Gênero e Número. 2020 [citado em 12 fev. 2020]. Disponível em: https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf
11. Flor LS, Friedman J, Spencer CN, Cagney J, Arrieta A, Herbert ME et al. Quantifying the effects of the COVID-19 pandemic on gender equality on health, social, and economic indicators: a comprehensive review. The Lancet [Internet]. 2022 Jun [citado em 14 fev. 2020]. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(22\)00008-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(22)00008-3/fulltext)
12. Ribarovska AK, Hutchinson MR, Pittman QJ, Pariante C, Spencera SJ. Gender inequality in publishing during the COVID-19 pandemic. Brain, behavior, and immunity [Internet]. 2021 [citado em 20 fev. 2020]; 91:1. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7670232/>
13. Saini A. Inferior é o caralho: eles sempre estiveram errados sobre nós. Rio de Janeiro: Darkside Books; 2018.
14. Velho L. Prefácio. In: Santos LW, Ichikawa EY, Cargano DF. (Org.). Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento. Londrina: IAPAR; 2006.
15. Siqueira ACA. Ser mulher na pós- graduação em Filosofia. Rev Lampejo [Internet]. 2017 [citado em 15 Jul. 2020]; 6(1):216-2020. Disponível em: http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-11-vol_6_n_1/015-SER_MULHER.pdf
16. Akotirene K. Interseccionalidade. São Paulo: Polém; 2019.
17. UN News. At UN, Malala Yousafzai rallies youth to stand up for universal education. 2013 [citado em 02 Ago. 2020]. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2013/07/444472-un-malala-yousafzai-rallies-youth-stand-universal-education>.
18. Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 5 out. 1988. [citado em 02 Ago. 2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
19. Sguissardi V. Produtivismo acadêmico. In: Oliveira DA, Duarte AMC, Vieira LMF. Dicionário de trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2010.
20. Rolnik S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético, estética política no trabalho acadêmico. Cadernos de subjetividade [Internet]. 1993 [citado em 05 de Maio 2020]; 1(2): 242-2522. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossujatividade/article/view/38134>
21. Costa TCL. A invenção da sororidade: Sentimentos morais, feminismo e mídia [Tese da Internet]. Rio de Janeiro: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2019 [citado em 20 Jun. 2020]. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=20

22. Conceição JM, Teixeira MRF. Mulheres na ciência: um estudo da presença feminina no contexto internacional. Tear: revista de educação, ciência e tecnologia. Educação e Tecnologia [Internet]. 2018 [citado em 20 Jul. 2020]; 7(1):1-18. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/2710>
23. Marin AH, Silva CT, Andrade EID, Bernardes J, Fava DC. Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. Rev. bras.ter. cogn. [Internet]. 2017 [citado em 10 Maio 2020];13(2), 92-103. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v13n2/v13n2a04.pdf>
24. Santos MV, Silva TF, Spadari GF, Nakano TC. Competências socioemocionais: análise da produção científica nacional e internacional. Rev. Interinst. Psicol. [Internet]. 2018 [citado em 05 Jun. 2020]; 11(1): 4-10. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v11n1/02.pdf>
25. Cotta RMM, Costa GD, Mendonça ET. Critical and reflective portfólios: a pedagogical approach centered on cognitive and metacognitive skills. Interface (Botucatu) [Internet]. 2015 [citado em 05 Jun. 2020]; 19(54):573-88. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/T4LDVm3fZKsV9rWQGVmPZVC/?format=pdf&lang=pt>
26. Souza KMJ, Seixas CT, David HMSL, Costa AQ. Contribuições da Saúde Coletiva para o trabalho de enfermeiros. Rev. Bras. Enferm. [Internet]. 2017 [citado em 30 Jun. 2020];70(3): 543-549. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/g84jNj5jyNHqP9swPhjgpBL/?format=pdf&lang=pt>
27. Netto L, Silva KL, Rua MS. Prática reflexiva e formação profissional: aproximações teóricas no campo da Saúde e da Enfermagem. Esc. Anna Nery. [Internet]. 2018 [citado em 20 Jun. 2020]; 22(1):e20170309. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/4PmZBWVqVGydRV7xpKtGCNP/?format=pdf&lang=en>
28. Machado MH, Koster I, Aguiar Filho W, Wermelinger MCMW, Freire NP, Pereira EJ. Mercado de trabalho e processos regulatórios – a Enfermagem no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva [Internet]. 2019 [citado em 05 Jun. 2020]; 25 (1): 101-112. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Yx3hw9M5qZRnkMYK6hvCbr/?format=pdf&lang=pt>
29. ADScientific Index 2022. World Scientist and University Rankings 2022: World Scientist and University Medical and Health Sciences Rankings. 2022. [citado em 29 Jun. 2022]. Disponível em: [https://www.adscientificindex.com/?tit=Medical+and+Health+Sciences&con=&country_code=&subject=.](https://www.adscientificindex.com/?tit=Medical+and+Health+Sciences&con=&country_code=&subject=)
30. Takahara AL, Mendes AMPC, Rinaldi GP. Mulher na Educação Superior: alguns apontamentos para o debate. Programa de Apoio à Iniciação Científica - PAIC 2015-2016. [citado em 27 Jul. 2020]. Disponível em: <https://cadernopaic.fae.emnuvens.com.br/cadernopaic/article/viewFile/196/156>
31. Butler J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018.
32. Alves LC. Mulheres indígenas na pós-graduação: trajetórias e r-existências [Dissertação da Internet]. Brasília: Universidade de Brasília; 2019 [citado em 30 Jul; 2022]. 128 f. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35409>
33. Deleuze G, Guattari F. Mil Platôs. 2. ed. São Paulo: Editora 34; 1995.
34. Barreto RO, Carrieri AP, Romagnoli RC. O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. Cadernos EBAPE.BR [Internet]. 2020 [citado em 20 Jun. 2020]; 18(1), 47-60. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/J3Xkzp43F43qC6SxgTgq8nP/?format=pdf&lang=pt>

35. Portes ALF. “Temos de nos tornar a mudança que queremos ver...” (Mahatma Gandhi, 1869-1948). Rev. bras.oftalmol. [Internet]. 2015 [citado em 20 Jun. 2020];74(1):5-6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbof/a/D7z4P6JymrKTbbkHB9xqCgx/?format=pdf&lang=pt>

Submissão: 10/01/2022

Aceite: 31/07/2022

[*] Frase que ganhou destaque com o movimento feminista a partir de colocações machistas em pleno século XXI.